



A interpretação metapsicológica do fascismo na abordagem freudo-adorniana

Bryan Menger dos Santos* e José Geraldo Soares Damico

Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Clínica e Cultura, Departamento de Psicanálise e Psicopatologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Av. Ramiro Barcelos, 2600, 90035-003, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: bryanmenger@gmail.com

RESUMO. Nos rumos desse artigo, aborda-se como objetivo central a compreensão do discurso fascista através da abordagem freudo-adorniana. Para tal, toma-se como base a alegoria mito-política presente em ‘Totem e tabu’ (Freud, 1990) e nos demais escritos freudianos como ferramenta de ilustração da natureza libidinal que organiza os vínculos sociais modernos. A adesão social aos signos tanáticos do fascismo é compreendida com base no viés das latências fantasmáticas que se inserem no corpo político, instigando ligações objetais de assujeitamento a um poder soberano análogo aos estabelecidos no regime da horda primeva. A imortalidade do pai que subsiste enquanto instância latente, o sentimento de culpa pelo parricídio coletivo e a consequente dívida simbólica paga através da moeda libidinal são apresentados como balizadores centrais na economia sexual do fascismo, com o propósito de restabelecer um tempo primeiro da organização social cunhada na barbárie e no masoquismo primordial em relação a um pai real.

Palavras-chave: discurso fascista; Freud; Adorno; sentimento de culpa; horda primeva.

A metapsychological interpretation of fascism in the freudo-adornian approach

ABSTRACT. In the direction of this article, the central objective is the understanding of the fascist discourse through the Freudian-Adornian approach. To do so, the mytho-political allegory present in ‘Totem and Taboo’ (Freud, 1990) and in other Freudian writings is taken as a basis for illustrating the libidinal nature that organizes modern social bonds. The social adherence to the thanactic signs of fascism is understood mainly through the bias of the phantasmatic latencies that are inserted in the political body, instigating object links of subjection to a sovereign power analogous to those established in the regime of the primeval horde. The immortality of the father who survives as a latent instance, the feeling of guilt for the collective parricide and the consequent symbolic debt paid through the libidinal currency are presented as central beacons in the sexual economy of fascism, with the purpose of reestablishing a first time of the coined social organization in barbarism and primordial masochism in relation to a real father.

Keywords: fascist discourse; Freud; Adorno; guilt; primeval horde.

Received on March 13, 2023.

Accepted on April 19, 2023.

Introdução aos fascismos

É preciso atestar o grande número de pensadores no âmbito das ciências políticas que advertem contra falácia de avaliar que o fascismo está morto: Robert Paxton (2007), Michael Mann (2008), Jason Stanley (2019), Vladimir Safatle (2019), Maurizio Lazaratto (2019) são algumas dessas referências. Em *Fascismo ou revolução? O neoliberalismo em chave estratégica*, Lazaratto (2019) refere a existência de um ‘neofascismo’ que transita pela conjuntura política contemporânea. Já na leitura geopolítica empreendida por Stanley (2019) verifica-se um avanço considerável de ondas ultranacionalistas ao redor do mundo, com aparência similar àquelas que macularam a Europa de sangue na primeira metade do século XX. Na interpretação do professor de filosofia em Yale, dispositivos retóricos estruturados com base nos signos tanáticos do nacionalismo ganhariam cada vez mais força na experiência política moderna, promovendo uma distinção ontológica – a política do ‘nós’ e ‘eles’ – através de categorias de classes, raça e gênero. A clivagem da categoria do ‘humano’ ditaria a tônica das regressões políticas que assolam as democracias liberais do século XXI, engendrando-se no imaginário social e produzindo modos de subjetividade.

São múltiplas as possibilidades de definição do fascismo, variando conforme as particularidades de cada contexto histórico; a variação dos elementos cultuados por cada um dos regimes; as contradições entre teoria e prática fascista; bem como a metodologia teórica empregada para interpretá-lo. Essa produção não tem como proposta esgotá-las, apenas destacar um ponto fundamental salientado por Joel Birman (2017), onde o discurso fascista opera uma “[...] economia psíquica de subjetivação dos seus indivíduos [...]” (Birman, 2017, p. 4) a partir da aniquilação do registro da alteridade. O temor às diferenças é inscrito no corpo político social, construindo uma massa homogênea de pensamento de acordo com os princípios prezados pela política fascista. Apesar disso, é possível apresentar que o fascismo do qual essa pesquisa alude não engloba apenas a sua concepção *sui generis* (o fascismo histórico associado a Primeira Guerra Mundial), mas também, como sugerido por Safatle (2019), aquele sempre presente como matriz ideológica nas formas hegemônicas de poder político que sustentam as democracias liberais.

Em primeiro lugar, para contemplar as expressões tanáticas do fascismo na égide freudo-adorniana, esforça-se para construir uma interpretação da mito-política que rege os vínculos sociais pelo viés freudiano, partindo do mito da horda primeva em ‘Totem e Tabu’ (Freud, 1990). No fio dessas contribuições, explora-se as latências fantasmáticas que, de acordo com essa perspectiva, sustentam a economia sexual moderna, instigando a relações de objeto passivo-masoquistas diante de um pai real análogas as reproduzidas sob o regime da horda. Posteriormente, somado aos embates do segundo dualismo pulsional, aplica-se esse raciocínio a adesão social de massas do fascismo, concebendo-a como uma fantasia de implosão do pacto social totêmico, com vistas a restauração de um estado de natureza caracterizado pelo regimento do sistema primário e da barbárie primordial.

‘Um espectro ronda a Europa – O espectro paterno’: a experiência política moderna através do aporte teórico freudiano

Conforme os apontamentos empreendidos por Vladimir Safatle (2019), uma das grandes heranças de Freud à compreensão do discurso fascista foi o estudo metapsicológico da soberania. Através de uma avaliação criteriosa do seu legado, percebe-se o quanto a investigação dos caminhos libidinais de subserviência a uma instância de poder vertical já se apresentava com um dos principais objetos de interesse freudiano, antes mesmo de sua guinada naturalista em direção à filosofia política. Ainda em tempos pré-psicanalíticos, em ‘Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa’, Freud (1996) discorria sobre os impactos causados na economia psíquica acerca da internalização de uma autoridade excessivamente rígida na clínica com neuróticos obsessivos, no sentido da interdição do desejo sexual. A construção da psicanálise freudiana está recheada desses exemplos: as vicissitudes da função paterna em ‘O declínio do complexo de Édipo’ (Freud, 1974), como núcleo fundamental que determina o adoecimento neurótico; a constatação de um poder pastoral de caráter erótico associado ao discurso religioso em *O futuro de uma ilusão* (Freud, 2014); assim como as reflexões sobre a guerra e o embate permanente entre civilização e barbárie à luz do segundo dualismo pulsional em *Mal-estar na cultura* (Freud, 2020) e *Por que a Guerra?* (Freud, 2020a). Todos esses recortes atestam o grande investimento realizado por Freud para desvelar um dos enigmas mais fundamentais da ‘Era das luzes’: o porquê de as fantasias de um poder autoritário serem tão constitutivas na formação dos vínculos sociais modernos.

Deve-se destacar desde o princípio que, na psicanálise freudiana, a diferenciação entre ‘obras clínicas’ e ‘obras sociais’ inexistente. O próprio Freud (2020b) ressalta no capítulo introdutório de ‘Psicologia das massas e análise do eu’ que é apenas em condições excepcionais que a satisfação pulsional é capaz de desprezar a influência decisiva dos fenômenos sociais, fazendo com que a psicologia individual e a psicologia social coincidam. Nessa lógica, se a maior parte das relações de objeto está alienada às interferências externas, reivindicando o estatuto de fenômeno social, torna-se possível deduzir que mesmo os seus trabalhos mais clínicos estão cientes da interrelação indissociável entre as proibições morais do paradigma vitoriano e as neuroses de transferência. Para Safatle (2019), essa indissociabilidade assegura que a relevância da abordagem freudiana à pesquisa do discurso fascista não se restringe a um tempo específico de sua obra, mas ao seu percurso como um todo, o qual não pode ser fragmentado, já que a temática das relações de poder está posicionada na base do seu edifício teórico.

Na pesquisa em questão, a investigação da experiência moderna através do aporte teórico freudiano será levada a cabo a partir de uma estrutura mito-política, conforme as indicações do próprio Safatle (2016). Na obra *Circuito dos afetos*, o filósofo declara que os mitos representariam, para Freud, uma construção “[...] que visa dar sentido a um conflito socialmente vivenciado” (Safatle, 2016, p. 63). A partir dessa ideia, o

psicanalista recorreria aos mitos como um dispositivo alegórico para esboçar a natureza dos vínculos sociais modernos, sobretudo as ligações libidinais estabelecidas com figuras de autoridade. Dentro dessa lógica, Safatle (2016; 2019) argumenta que ‘Totem e tabu’ (Freud, 1990) deve ser considerado a pedra angular à elaboração de uma abordagem freudiana do fascismo, na qual a metáfora da horda primeva apresenta-se como central à ilustração do conflito psíquico latente que, de acordo com essa abordagem, constituiria a base da experiência política moderna.

Renato Mezan (2015) acrescenta que ‘Totem e tabu’ serve de baliza à toda antropologia psicanalítica, sendo uma obra que se passa em duas dimensões: a da clínica psicanalítica, a partir da retomada de uma série de contribuições sobre as neuroses de transferência com amparo nos famosos casos Schreber, Homem dos Ratos, Pequeno Hans (especialmente o complexo paterno) e a tentativa de pensar as origens e o sentido da religião, assim como das formações sociais e da cultura. Para Mezan (2015), um dos objetivos de Freud em ‘Totem e tabu’ esteve centrado em responder as críticas de que a psicanálise desprezaria a importância dos determinantes sociais no desenvolvimento psicosssexual e os seus consequentes impactos no padecimento neurótico, especialmente a desaprovação de Adler, demonstrando através de um percurso etnológico, que clínica e realidade social não poderiam ser separadas artificialmente.

Para os propósitos dessa pesquisa, não há necessidade de discorrer sobre o mito como um todo, mas é preciso destacar alguns pontos específicos que são cruciais para a construção do raciocínio. Em diversas ocasiões, Freud (1990) destaca o temor e o respeito que, simultaneamente, os membros da horda nutriam em relação ao pai primevo. Essa ambivalência afetiva expressava-se principalmente em razão do lugar de soberania ocupado pelo pai como ditador cruel que detinha o monopólio dos meios de satisfação pulsional. Após a revolução fraterna e a consumação do parricídio, o *impeachment* sangrento do pai é celebrado por todos os irmãos com expressivo entusiasmo. Apesar disso, a morte não significou necessariamente a sua ruína. Ao contrário, escritos metapsicológicos como ‘O Inconsciente’ (Freud, 1980), ‘Recalque’ (Freud, 2014) e ‘Pulsões e suas vicissitudes’ (Freud, 1996) demonstram que um princípio básico defendido pela psicanálise freudiana é que nada se perde no inconsciente, mas tudo se transforma. Na apresentação do mito, Freud (1990) assinala que os restos mortais foram repartidos igualmente como refeição cerimonial entre os irmãos e o ato de devorá-los haveria representado a identificação simbólica com o pai no interior do Eu. Isso fez do pai um sobrevivente, não de maneira literal, mas como disposição fantasmática no inconsciente de cada um dos seus filhos.

No plano material, estreou-se um lugar vazio que inicialmente não pôde mais ser ocupado. Nenhum dos irmãos era forte o suficiente para sustentar a tão admirada/temida posição sem correr o risco de uma nova retaliação por parte dos demais injustiçados. Apesar desse equilíbrio do poder, ainda mais preponderante era assombração empreendida pelo pai simbólico incorporado ao Eu, na forma de um imensurável sentimento de culpa pelo seu assassinato. Com base nessas questões, os irmãos decidiram firmar um ‘pacto social’ de abolição do trono, bem como de todos os privilégios que antes estavam associados a classe paterna.¹ Em seu lugar, o totem foi inserido como substituto, representando paradoxalmente, um tabu de satisfação sexual nos moldes ilimitados difundidos pelo pai e a conservação de sua memória sagrada. Em analogia direta com as descrições etnográficas sobre o animismo, Mezan (2015) afirma que a raiz psíquica dos tabus sociais está situada no mecanismo de projeção, onde a corrente negativa e inadmissível do afeto – originada do vínculo de ambivalência – é expelida à realidade externa, produzindo o tabu sob os moldes de uma formação reativa. Nesse sentido, o tabu representaria um dispositivo de coerção com o propósito de impedir a expressão das pulsões primárias como o homicídio e o incesto. Em compensação, o rompimento imoral dos tabus indicaria uma ruptura das instituições sociais e um passo adiante no retorno ao estado de natureza de pura pulsionalidade.

Apesar da instalação social dos tabus, Freud (1990) constatou que o totem por si só e as suas respectivas privações sexuais seriam insuficientes para indenizar os danos causados ao pai. Ao analisar os vínculos objetivos estabelecidos após o seu assassinato, a fantasia freudiana denunciou uma forte nostalgia paterna e um desejo secreto de devolvê-lo ao poder, de modo a “[...] mitigar o vivo sentimento de culpa, de obter uma espécie de reconciliação [...]” (Freud, 1990, p. 151). Esse movimento de ressurreição simbólica do pai caracterizaria justamente a transição do regime da horda à organização social-sexual totêmica.

Em *O filicídio na teoria psicanalítica e seus (des)enlaces na cultura brasileira*, Antoniazzi e Weinmann (2018) endossam a hipótese de que o modelo da horda primeva proposto por Freud (1990) em ‘Totem e tabu’ representaria um tempo primeiro da organização social orientados na barbárie, levando em consideração o

¹ Especialmente o incesto que para Freud (2020, p. 354) representa: “[...] talvez a mutilação mais contundente que a vida amorosa humana experimentou ao longo dos tempos”.

vínculo ambivalente que os filhos estabelecem em relação ao pai real. Já o processo cultural inaugurado ao mesmo tempo na consumação/interdição do parricídio, significaria a fundação de um segundo tempo da organização social-sexual em que ela passaria a ser guiada por um pai que subsiste simbolicamente. Na esteira dessas contribuições, os pensadores reiteram que mesmo que os derivados da barbárie primordial persistam enraizados na cultura, as categorias de barbárie e cultura poderiam ser compreendidas como modos de agenciamentos que se organizam de acordo com a natureza de um pai: real e simbólico, respectivamente.

Para compreender os referidos impasses da vida social pelo viés da psicanálise freudiana, Safatle (2016) reforça que é imprescindível considerar a força as fantasias libidinais provenientes da horda exercem na construção dos vínculos modernos. O filósofo defende que as “[...] sociedades são, em seu nível mais fundamental, circuitos de afetos” (Safatle, 2016, p. 15). Nessa lógica, não seria o assentimento tácito a um sistema de normas que produziria a adesão social, mas sim um circuito de afetos que se impõe desde um exterior radical como agente de comportamentos sociais, normatividades e regentes da experiência política. O que Safatle (2016) propõe é uma articulação entre afetos políticos e o corpo social: a compulsão à repetição de determinados afetos é considerada como elemento primordial de qualquer forma política. Nessa direção, a compreensão metapsicológica do discurso fascista deveria ser abordada sob a ótica de como esses afetos são gestados socialmente como motor de coesão política. Para o filósofo, a psicanálise freudiana contribui essencialmente para este debate, tendo em vista a sua busca incessante de desvelar as inibições afetivas que regem os vínculos sociais, contrariando uma premissa ocidental praticamente fóbica aos afetos. A leitura das afecções empreendidas por Freud permitiria construir uma racionalidade própria dos afetos, sem necessariamente incorrer em uma antítese entre afeto e razão.

Dentro dessa ótica, Safatle (1919) aponta que a compreensão da experiência política moderna pela dimensão mito-política sublinhada em ‘Totem e tabu’ (Freud, 1990) poderia ser realizada através de um intolerável sentimento de culpa que atravessa as relações sociais, instigando ao desejo de reavivar o pai e a revogação do pacto fraterno. No mito da horda primeva (Freud, 1990), a organização social-sexual totêmica se sustentaria na culpa como combustível para a instauração de um contrato de retratação com o pai primevo. O totem posicionado no lugar vazio assumiria o lugar de herdeiro simbólico do pai: o objeto eleito socialmente à sua imagem e semelhança para substituí-lo; uma política de reparação de danos ao seu narcisismo ferido. O restabelecimento do legado patriarcal se tornaria proporcional a diminuição da intensidade do sentimento de culpa gerado pelo parricídio e demais assombrações posteriores do pai simbólico. Dito de outro modo, quanto mais a patriarcal a sociedade, maior a imunidade frente ao flagelo despótico do espírito paterno. Isso faria do totemismo, a materialização de uma dívida simbólica adquirida por uma sociedade inteira, paga de maneira parcelada através da moeda libidinal. O que o pai simbólico almejaria é ser ressarcido indefinidamente, como um burguês que explora os filhos órfãos, impedindo-lhes de gozar de modo ilimitado mesmo depois de morto.

Em Freud (1921/2020b), o pai, enquanto consciência moral, reivindica para si o estatuto de conceito nomeado pela teoria estrutural – ‘a segunda tópica’ – como Supereu. Enquanto instância psíquica, o Supereu é o herdeiro do complexo de Édipo, originando-se da renúncia ao objeto de amor proibido e a consequente identificação simbólica com a autoridade paterna. Ele possuiria habilidades de clarividência para fiscalizar até mesmo os desejos mais inconscientes e que são estrangeiros ao conhecimento do Eu. Para esse modelo de panóptico freudiano, a concepção que dá à luz ao ‘Grande irmão’ de George Orwell (2021) em 1984, pensar é o mesmo que fazer. A ‘polícia do pensamento’ não faria distinção entre desejo idealizado e desejo consumado. As pulsões recalçadas que insistiriam em fantasiar a ocupação do lugar vazio seriam absorvidas por essa lógica e sentidas como desonra em relação aos compromissos paternos, ampliando novamente o sentimento da culpa.

Da mesma forma que a refeição cerimonial, o totem seria ramificado socialmente a partir dos diversos seguimentos culturais, como a religião, a família patriarcal e as relações políticas. Na fantasia freudiana, o parricídio não apenas promoveria a entrada do sujeito na cultura, como fundaria ‘a própria cultura’. Para Freud (1990), a interdição do incesto e a inauguração da exogamia empurram o Eu à busca de novos objetos externos, constituindo uma inclinação secundária em direção a vida social. A fim de modificar drasticamente a conduta social-sexual da qual esteve acostumado durante a horda, o sujeito freudiano passa a ser obrigado a articular habilidades sofisticadas de gestão pulsional como preconizadas pelo sistema secundário, como a dessexualização das pulsões primárias de agressividade e o redirecionamento de sua força [*Drang*] à comunidade. Com base nessas ideias, Mezan (2015) estabelece duas linhas antropológicas que estruturam o mito da horda: uma explícita e outra implícita. Na primeira, Freud procederia como se a inserção do indivíduo na trama social fosse a mesma coisa que a constituição dessa trama; já na segunda, Freud reconheceria na morte,

um dos fundamentos da constituição do social. Nesse sentido, para que o social existisse, seria preciso também, a introdução de uma relação mediatizada com o ausente captado sob a forma de morto – o pai que subsiste internalizado como Supereu – como se constata nos tabus sociais, no luto e nas tradições dos enterros.

Os elementos listados acima, tornariam a entrada do sujeito na cultura, um ato absolutamente artificial. A constituição do laço social em Freud (1990) não trataria a um caminho natural, mas sobre uma ‘ordem de direito’ baseada no sentimento de culpa que afasta o sujeito freudiano do seu estado de natureza. Nesse sentido, a inclinação à comunidade e à vida política-institucional seriam dimensões secundárias do campo psíquico que se sobrepõem à tendência a individualidade e a barbárie primordiais. Diferente do que indicaria uma abordagem de cunho darwinista, Freud aponta que se trataria menos de uma evolução espontânea do desenvolvimento social-sexual, e mais de uma reação de defesa acionada para lidar com o sentimento de culpa instaurado pelo ato parricida. Conforme acrescentam Antoniazzi e Weinmann (2018, p. 180): “[...] a civilização é filha da culpa”.

Na obra *Mal-estar na cultura*, Freud (2020) desenvolve os pormenores dessa construção, abordando as contradições econômicas da vida social. No totemismo, o sujeito seria incumbido da tarefa antinatural de administrar as suas pulsões. Para satisfazê-las, o novo código moral totêmico lhe obriga a transformar as gratificações sexuais diretas, antes consideradas legítimas na jurisdição da horda, nas mais diversas mediações simbólicas orientadas pelo princípio da realidade. Se tornaria preciso adequar-se as severas privações que o pacto fraterno introduz na organização social e na economia psíquica, sob a pena de despertar novamente o espírito do pai morto diante da (re)intensificação do sentimento de culpa.

Nessa lógica, a dieta pulsional do qual o Eu dispõe é profundamente acometida e o seu cardápio é restringido, alimentando-se de soluções de compromisso para equilibrar a economia libidinal, e ludibriar assim, a fiscalização despótica que o pai simbólico exerce enquanto Supereu. Desse momento em diante, as tensões tirânicas dirigidas do Supereu ao Eu passariam a ditar a tônica da economia psíquica, como reflexo da incorporação simbólica do vínculo de sujeição social que caracterizava a horda. Nessa direção, além da impossibilidade de escapar ao sadismo do pai, Freud aponta que esse *modus operandi* é sentido essencialmente como uma opressão ao seu estado de natureza primordial. Nem mesmo a estabilidade dos contratos sociais ou os benefícios adquiridos pelo domínio da natureza seriam suficientes para frear tamanho desconforto sexual infringido pelo processo cultural, que trabalha a fim de implementar uma padronização ética dos meios de satisfação pulsional: uma exigência sexual comum guiada a partir dos princípios do pai morto, com vistas a coibir a disputa objetal e garantir a segurança da comunidade.

Para compreender o excesso de valor que Freud delega aos malefícios causados pela cultura à sexualidade humana, deve-se ter em mente que em sua metapsicologia (Freud, 1980, 1996, 2004), seria o programa do princípio do prazer que determinaria o propósito da vida. O sujeito primordial oprimido do qual Freud se refere compartilharia de ideais hedonistas, ansiaria por felicidade, deixando que essa busca guie os caminhos de sua vida através de relações de objeto inconscientemente orientadas, que repetem os mesmos circuitos mnêmicos de prazer armazenados ao longo do desenvolvimento psicosssexual. O ser humano que Freud nos apresenta seria originalmente perverso-polimorfo. Não só seria incapaz de amar, como ignoraria as qualidades ostentadas pelo objeto, percebendo-o apenas como um meio para atingir uma gratificação sexual. Isto posto, a felicidade seria, antes de mais nada, uma tarefa econômica correspondente a satisfação das pulsões recalçadas.

No regime totêmico, a felicidade seria possível apenas enquanto fenômeno episódico, devido ao excedente de dispositivos sociais que tutelam em prol dos interesses coletivos. O sujeito freudiano deveria contentar-se apenas com os resquícios de pulsão que conseguem triunfar sobre as forças do recalçamento, estando apto a satisfazer-se apenas com um tépido sentimento de bem-estar, sempre em relação de contraste com o todo recalçado. Em *Pulsões e suas vicissitudes*, Freud (1915c/1996a) afirma que ao contrário dos estímulos fisiológicos provenientes da realidade externa, a pulsão deve ser compreendida como um estímulo endógeno inescapável e inerente a condição humana, operada de acordo com as quantidades libidinais. Em *Mal-estar na cultura*, o psicanalista (Freud, 2020) retoma o tema da libido, demonstrando que o seu desenvolvimento é influenciado decisivamente pelos interesses da cultura, a ponto de efetuar as modificações mais drásticas nas disposições primárias do ser humano e fazendo com que a cultura tenha como pressuposto inadiável, a própria não satisfação sexual. Nas palavras empregadas pelo próprio Freud (2020, p. 316): “[...] a intenção que o ser humano seja feliz não está nos planos da Criação”.

Nessa linha de raciocínio, o sentimento de culpa seria adquirido “por uma sociedade inteira”, obrigada a ressarcir os desígnios e a humilhação do pai morto, representaria por excelência, o conflito de ambivalência

entre Eros e Tanatos, do qual será desenvolvido posteriormente. Assim, chega-se novamente à reflexão central designada por Safatle (2019), na qual a abordagem do discurso fascista pelo viés freudiano deve ser compreendida a partir da investigação das latências fantasmáticas que constituem a experiência política moderna. A formação social e a discursividade fascista não poderiam prescindir dessa fórmula: uma obsessão pelo desejo de repetir o assassinato do pai e a sua reparação compulsiva a partir da instalação da cultura patriarcal.

O fascismo como fantasia de retorno à horda na abordagem freudo-adorniana

Segundo autores como Paxton (2007) e Mann (2008), o fascismo é necessariamente um movimento de massas, sendo incapaz de prescindir de sua configuração orgânica. Nesse sentido, há mais de cem anos, a psicanálise freudiana ofereceria um terreno fértil para pensar a dimensão sexual na qual as massas estão sustentadas. Apenas um ano antes da ‘Marcha Sobre Roma’, Freud (2020b) desenvolve uma fascinante meta-análise das teorias de massa que vigoravam entre o final do século XIX e início do século XX. ‘Psicologia das massas e análise do eu’ (Freud, 2020b) tem como ponto de partida as inconsistências teóricas que são apresentadas nas obras de Gustave Le Bon, William McDougall, Scipio Sighele, Gabriel Tarde e Wilfred Trotter. Em meio a pensadores da tradição ocidental, Freud valoriza tanto as riquezas, quanto os furos existentes em suas teorias, como estratégia para inscrever a sua compreensão metapsicológica da enigmática ‘alma das massas’.

Na concepção freudiana, a ‘psicologia das massas’ configura essencialmente uma tendência psíquica ao declínio das inibições individuais. Se trataria de um movimento de anulação circunstancial do recalçamento como elemento estruturante da vida psíquica. A interrupção das forças de contrainvestimento do recalque permitiria a alforria das pulsões incompatíveis com os dispositivos culturais, e que com todo o seu ímpeto de satisfação imediata, revogariam as qualidades do sistema secundário e assumiriam o comando do aparelho psíquico. A insurgência desses arcaísmos possibilita a Freud, a comparação da natureza primitiva das massas com o mesmo fenômeno de regressão observado na clínica com neuróticos, levando-o à conclusão de que as massas representariam um retorno aos processos primários da sexualidade infantil.

Ainda assim, Freud preocupa-se em desvendar o elemento fundamental que promove a coesão das massas: o que faz com que indivíduos ‘altamente civilizados’ abram mão de suas disposições mais singulares para a servirem a personalidade infantil de uma massa? A hipótese central começa da afirmação de que apenas a pulsão de autoconservação, diante da intimidação causada pela força das multidões, seria insuficiente para explicar os efeitos psicológicos engendrados no indivíduo inserido na massa. Atalhos teóricos como a superestimação do fator numérico ou o ‘prestígio do líder’ em Le Bon são recusados pelo psicanalista e explicados posteriormente sob a ótica de sua própria metapsicologia. Freud recorre à teoria da psicosexualidade que prestou grandes serviços à compreensão das neuroses, afirmando que a intensificação dos afetos e o rebaixamento intelectual (as duas principais modificações anímicas apontadas no capítulo IV) são antes, efeitos da pulsão sexual.

Nesse sentido, a libido assumiria o papel de reunir em uma unidade, indivíduos que estavam inicialmente isolados em suas personalidades adulto-genitais, efetuando um apagamento de suas disposições heterogêneas. Esse efeito homogeneizante que caracterizaria as massas, também seria responsável por suprimir o narcisismo individual dos seus integrantes, enfraquecendo os seus traços secundários conquistados a partir das etapas de amadurecimento psicosexual. Isso permitiria aos membros da massa, o deleite de serem absorvidos pelos processos primários que os habitam. Assim, se chega à conclusão tão controversa, quanto revolucionária, de que a psicanálise freudiana compreende as massas e os vínculos sociais como relações amorosas. Mesmo a Igreja e o Exército, classificadas como massas estáveis – reinvestidas de seus atributos individuais abandonados nas massas transitórias – são compreendidas por Freud como formações sexuais.

O psicanalista ainda elenca as duas modalidades de ligação amorosa que estão situadas na base da alienação fundante das massas, operando favor da anulação do narcisismo de seus integrantes, a fim de impedir o seu desmanche. A principal ênfase, a qual ele reclama a si próprio pelo excesso de valor delegado, está no ‘enamoramento’ de um líder que encarna a personificação dos interesses inconscientes da massa. Essa ligação ocorreria em um sentido vertical. No enamoramento, o vínculo libidinal estabelecido pelo Eu é tão extremo que ele acaba por se empobrecer, sendo devorado posteriormente. Essa modalidade de vínculo seria uma contrapartida empreendida pela massa em relação aos efeitos de sugestibilidade do qual o objeto-líder exerce em seus subordinados, como observado por McDougall. Já a segunda ligação ocorreria principalmente em sentido horizontal, em que os membros da massa se identificariam uns com outros, reciprocamente. Nesse caso, é o eu quem detém o poder, devorando as qualidades do objeto e enriquecendo-se a partir delas. Dito de outra forma, o Eu toma o objeto como o seu ideal.

Segundo Sergio Paulo Rouanet (1986), Theodor Adorno é um dos pensadores de maior expressão a se dedicar à importância da psicosssexualidade como motor das experiências sociais. Rouanet (1986) examina as influências do freudismo na forma como a teoria crítica compreende a dinâmica da experiência política moderna. De acordo com a concepção apresentada, ambas as escolas de pensamento compartilhariam de grandes afinidades no que se refere a crítica do racionalismo científico. A cultura no sentido frankfurtiano não poderia ser compreendida apenas pela sua expressão material, mas também através da interação de uma série de latências psíquicas que atravessaria a dinâmica cultural. Para tal, Rouanet (1986) afirma que a filosofia adorniana convoca a psicanálise e a dimensão pulsional da vida humana à ilustrar os mecanismos sexuais inconscientes que contradizem a razão positivista. Dentro dessa proposta, a conjunção entre teoria crítica e psicanálise empreendida pela Escola de Frankfurt teria como propósito promover um desnudamento da ciência positivista a partir de uma crítica do ‘consciencialismo’ e da fundação de um novo racionalismo ciente de suas limitações.

A ‘razão’ da qual partiria Adorno é para Rouanet (1986), uma noção que implode as fronteiras entre os processos psíquicos do mundo interno e os determinantes sociais da realidade externa. O processo de socialização teria como condição irremediável, a apropriação da cultura por parte do sujeito, o qual a reproduz em nível macro, cristalizando padrões de relacionamento e modelos hegemônicos de participação social. Dentro dessa relação de complementaridade, Rouanet (1986) declara que no pensamento traçado por Adorno e Horkheimer em *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*, a formação do indivíduo através da cultura e a reprodução da cultura através do indivíduo, constituem um mesmo movimento que transforma o indivíduo *stricto-sensu* em um reprodutor transgeracional de disposições normativas da cultura. Nesse sentido, o freudismo iria além de uma influência epistemológica para a teoria crítica, mas se apresentaria como uma interioridade constitutiva que habita o seu corpo teórico, denunciando “[...] como o objetivamente irracional pode ser vivenciado como subjetivamente racional” (Adorno & Horkheimer, 1986, p. 122).

Rouanet (1986) acrescenta ainda que a psicanálise possuiria um objetivo emancipatório que deriva inicialmente do seu interesse clínico em livrar as amarras simbólicas que determinam o adoecimento neurótico. O propósito de libertação seria comum tanto na psicanálise freudiana, como no marxismo, apesar da complexidade e das controvérsias do encontro entre duas poderosas ortodoxias que constituem o início do século XX. Esse movimento de desalienação seria colocado em prática pela filosofia adorniana como tentativa de esboçar uma leitura emancipatória da experiência política, como se destinam especialmente as pesquisas sobre o antissemitismo e a propaganda nazifascista. Dentro dessas condições, a interrelação entre psicanálise, teoria crítica e marxismo estaria a serviço de desvelar os mecanismos sociais e psíquicos que impedem o exercício de autodeterminação humana.

Com base nos fundamentos assinalados acima, em *Dialética do esclarecimento*, Adorno e Max Horkheimer (2006) objetivam a produção de um ‘diagnóstico social’ do fracasso do projeto iluminista, levando em conta a eclosão da Segunda Guerra Mundial e a elevada adesão social ao nazifascismo e suas tecnologias estatais de opressão e dominação antissemitas. Especialmente no capítulo ‘Elementos do antissemitismo: limites do esclarecimento’, os pensadores recorrem fortemente as categorias clínico-sexuais da psicanálise freudiana como instrumento de compreensão dos vínculos políticos, chegando à conclusão de que o quadro clínico da paranoia constitui o modelo hegemônico de participação social vigente na modernidade. Nesse sentido, o corpo político é pensado psicanaliticamente mesmo fora do cenário clínico a partir de uma generalização das estruturas paranoides, na qual os judeus e demais subjetividades alternativas, são destituídos de suas qualidades objetivas, em prol de fantasias racistas e excessos sádicos atribuídos mediante ‘falsas projeções’.

Em Adorno e Horkheimer (2006), a ‘projeção’ é destacada como a principal modalidade de vínculo estabelecido pela militância nazifascista. Os pensadores aderem à concepção freudiana de que o objeto não existe a priori, mas é fundado pelo ação de investimento libidinal. Nessa direção, Adorno e Horkheimer (2006) efetuam uma distinção entre a projeção como modelo de percepção automatizada que estrutura as relações sociais convencionais e as falsas projeções que remodelam radicalmente a realidade externa e os vínculos sociais à luz de processos internos. Sob a pressão do Supereu, os impulsos agressivos comportados pelo Id que não podem ser admitidos em si, são projetados com grande intensidade na realidade externa, produzindo um objeto que caiba dentro da conspiração antisemitista. Dito de outro modo, os impulsos que a militância nazifascista teme admitir como seus são expulsos de dentro do próprio mundo interno e atribuídos a uma invenção objetual delirante. Em outras palavras, Adorno (2007, p. 143) complementa que: “A propaganda fascista ataca fantasmas [*bogies*], e não oponentes reais, ou seja, ela constrói um imaginário do judeu ou do comunista, separa-o em pedaços sem prestar muita atenção a como este imaginário se relaciona com a realidade”.

Nessa mesma obra, Adorno e Horkheimer (2006) classificam o fascismo como uma patologia social. Apesar disso, a abordagem empregada resiste em compreendê-lo simplesmente como um ‘problema psicológico’, atestando que quaisquer tentativas de interpretar as suas raízes históricas por uma estratégia determinista estará situada no mesmo nível das forças irracionais nas quais o próprio discurso fascista se alicerça. Para os autores, o nazifascismo ‘apenas’ definiria uma área psicológica – a dimensão pulsional que governa as relações humanas – que se bem compreendida, poderia ser explorada em prol de interesses políticos não-psicológicos diversos. Essa concepção é reforçada pelas reflexões de Safatle (2019) nas quais todas as formações sociais implicariam na internalização de disposições normativas e gramáticas sociais do sofrimento. Em compensação, em Adorno e Horkheimer (2006), não se trataria apenas de classificar determinada forma social como ‘saudável’ ou ‘doente’, mas de compreender de que forma essas patologias descreveriam modelos de participação social, estimulando a generalização de comportamentos e afetos específicos. Safatle (2019) ressalta que o dispositivo clínico nesse sentido ampliado – a partir de uma articulação entre a clínica freudiana e o social – possuiu um papel fundamental no tensionamento das disposições sociais presentes na conjuntura alemã, alçando a psicanálise não apenas a uma terapêutica, mas a teoria crítica da sociedade.

Na compreensão freudo-adorniana apresentada por Adorno (2015a) em ‘Teoria freudiana e o modelo fascista de propaganda’, os fundamentos apresentados nos parágrafos acima são colocados em prática com o propósito de compreender a natureza dos vínculos sociais estabelecidos pela militância nazifascista. O filósofo afirma que os agitadores fascistas se apropriaram das disposições pulsionais do ser humano, aproveitando-se da regressão da atividade anímica proporcionada pela formação de massa para transformá-las em um meio de administração da experiência política: os agitadores nazifascistas só seriam eficazes na tarefa de angariar seguidores se as suas habilidades retóricas reproduzissem um vínculo amoroso com os integrantes da massa, dentro da mesma hipótese construída por Freud (2020b) em ‘Psicologia das massas e análise do eu’. Nas palavras do próprio Adorno (2015a, p. 163): “Um dos princípios básicos da liderança fascista é manter a energia libidinal primária em um nível inconsciente, de modo a desviar suas manifestações de uma forma adequada a fins políticos”. Dentro dessa leitura metapsicológica, o discurso fascista teria como estratégia fundamental, lidar exclusivamente com o sistema primário das massas, impedindo assim um movimento sublimatório das pulsões em direção à consciência.

Em um artigo denominado ‘Antissemitismo e propaganda fascista’, anos antes, Adorno (2015b) já havia demonstrado com base em estudos realizados pelo programa de Pesquisa em Antissemitismo patrocinados pela Universidade de Columbia, que a propaganda fascista pretende manipular mecanismos sexuais inconscientes ao invés de ideias e argumentos racionais. A partir de uma amostragem de propagandas antidemocráticas e antissemitas coletadas na região da Costa Oeste dos Estados Unidos, especialmente panfletos, publicações e transcrições taquigráficas de palestras radiofônicas, a pesquisa constatou que “[...] programas políticos positivos, postulados, ou quaisquer ideias políticas concretas desempenham um papel menor quando comparados aos estímulos psicológicos direcionados à audiência” (Adorno, 2015b, p. 138). Já em ‘Teoria freudiana e o modelo fascista de propaganda’, Adorno (2015a) deu continuidade à essas ideias, apontando que o discurso fascista age como um ‘cálculo psicológico’ – uma psicotécnica – baseado na repetição sistemática de discursos *ad hominem*, sem quaisquer fundamentos filosóficos envolvidos.

Em compensação, isso não significaria dizer de modo simplista que a propaganda fascista é irracional. Para Adorno (2015b), o termo ‘irracionalidade’ seria vago demais para descrever a complexidade empregada pela manipulação psicológica exercida pelos demagogos fascistas. O filósofo sugere que a propaganda nazifascista é conscientemente organizada e planejada ou que no máximo poderia ser considerada como uma ‘irracionalidade aplicada’. A ausência de um programa político claramente delineado ganharia inteligibilidade na medida em que os líderes fascistas não pretenderiam de forma alguma conquistar as massas pela via da admiração intelectual, ao contrário do pressupõem outras correntes políticas da tradição iluminista, mas sim pela mobilização de processos sexuais inconscientes. Nesse sentido, haveria uma racionalidade que sustentaria o discurso irracional disseminado publicamente como estratégia para captação de adeptos: as exibições de oratória fascistas seriam orientadas propositalmente à escassez de ideias, pois se não o fizesse, perderiam o seu grande trunfo que é justamente a ativação do vínculo libidinal com as massas.

Em *Jornadas de junho: decifra-me ou te devoro*, Weinmann (2018) discorre sobre a crise de representação simbólica que estrutura a discursividade fascista. De acordo com as ideias trabalhadas no artigo, o campo

discursivo no qual a política fascista se alicerça opera um esvaziamento da potência do significante, substituindo a ambiguidade pela literalização. Excluído do nível do simbólico, o discurso fascista apresentaria uma modalidade de enunciação dessubjetivante que ataca a multiplicidade semântica e incide compulsivamente como agressão diante do registro da alteridade. A partir dessas considerações, tomando como base o instrumento mito-político oferecido por Freud (1990) em ‘Totem e tabu’, Weinmann (2018) sugere uma correlação entre a economia psíquica apresentada pelas massas fascistas e o modelo de (não) administração pulsional que constitui a horda primeva. Dentro dessa hipótese, os militantes que compõem a organicidade fascista se relacionariam sexualmente com o seu líder de modo análogo aos filhos da horda com o pai real, antes da consumação do ato parricida e do estabelecimento do pacto totêmico.

Um capítulo específico de ‘Psicologia das massas e análise do eu’ (Freud, 2020b) reivindica aqui a sua importância. No item ‘X – A massa e a horda originária’, Freud (2020b) defende que o ser humano não é um animal de rebanho nos moldes preconizados pela filosofia aristotélica, pela tradição darwinista ou pelos teóricos modernos de massa. Para a psicanálise freudiana, sujeito deve ser considerado um animal de horda. Essa premissa implica em dois assinalamentos cruciais: 1) como já apontado anteriormente, a pulsão social não é um elemento primário da constituição psíquica, mas sim um derivado que se desenvolve posteriormente ao longo do amadurecimento psicosexual; e 2) a massa seria uma revivescência filogenética da horda primeva. Assim, complementa-se nas palavras do próprio Freud (2020b, p. 200): “Do mesmo modo como o ser humano primitivo se encontra virtualmente conservado em cada indivíduo, a horda originária pode restabelecer-se a partir de uma multidão qualquer de seres humanos”.

Nessa linha de pensamento, Weinmann (2018) empreende uma nova conexão. O funcionamento das massas fascistas também seria compatível com a descrição das alterações anímicas observadas por Freud em relação as massas transitórias, devido a carência de mediações simbólicas e a rendição aos desígnios de um líder real. A subserviência míope a um poder soberano e a submissão das massas fascistas diante da autoridade despótica exercida por um líder admirado/temido, encontraria sustentação psíquica nos registros da ligação erótica de ambivalência e assujeitamento estabelecidas outrora com o pai real. Nessas condições, se alcançaria a seguinte fórmula: horda primeva - pai real - massas transitórias - fascismo/barbárie. Em contrapartida, no sentido inverso, as massas estáveis (com alta capacidade de enraizamento social) seriam coordenadas por um líder simbólico, que ocupa o lugar vazio deixado pelo assassinato do pai real e pela abolição material do trono. Com isso, chega-se a uma segunda fórmula paralela: totemismo - pai simbólico - massas estáveis - democracia/civilização.

Ainda em relação ao capítulo X de ‘Psicologia das massas e análise do eu’, Freud (2020b) demarca uma oportunidade a mais, o viés evolucionista que desenha a maior parte do seu legado. O psicanalista planta a semente para obras posteriores, deixando de lado o movimento de evolução forçada da horda para o clã totêmico e passando a sublinhar a sua remissão do totemismo em direção à horda. Na interpretação de Weinmann (2018), existiria uma teoria do retrocesso político que atravessa a concepção de massas proposta por Freud. O historiador e psicanalista questiona: ‘Estaria o instaurador do discurso analítico aludindo a outra tendência, que opera no sentido de restaurar um estado anterior – no caso, a barbárie?’. A expressão ‘restaurar um estado anterior’ é canônica do universo psicanalítico e remeteria especialmente à *Além do princípio do prazer*, obra na qual Freud (2010) finalmente adere ao conceito de pulsão de morte², após a constatação de diversos fenômenos clínicos que desafiavam a hegemonia do princípio do prazer, como a reação terapêutica negativa (RTN), os sonhos traumáticos, as neuroses de guerra e a compulsão à repetição.

No sentido epistemológico, Silva Junior (2020) afirma que o advento da pulsão de morte representou uma grande ferida narcísica à psicanálise freudiana, abalando radicalmente as bases de todo um edifício teórico construído em mais de duas décadas. O ingresso de Tanatos como esteio da psicanálise questionaria o mais fundamental dos postulados difundidos por Freud até o momento em questão: a primazia da sexualidade como elemento que governa a economia psíquica e as relações sociais. Anteriormente, a lei ‘do que significa sofrimento para uma instância, configura prazer para outra’ estava a serviço de legitimar teoricamente, uma série de fenômenos psíquicos como realização simbólica de um desejo, preservando assim a posição da sexualidade como norteadora do funcionamento psíquico. Em contrapartida, a concepção inaugurada pela pulsão de morte apresentaria a existência de algo que é ainda mais anterior ao sexual, situado para além do princípio do prazer: antes mesmo que a vida desse as caras, a morte já estava lá.

² O conceito de ‘pulsão de morte’ nasce de um ensaio proposto pela psicanalista russo-soviética Sabina Spielrein (2021) sendo aceito apenas posteriormente por Freud, após seus estudos sobre as neuroses de guerra no contexto da Primeira Guerra Mundial.

O aparelho psíquico 2.0 esboçado por Freud (2010; 2020) dentro do modelo estrutural é governado pelo antagonismo irreconciliável entre pulsão de vida e pulsão de morte e já não serve apenas à afirmação do programa do princípio do prazer. A partir dessa revolução teórica, de acordo com Silva Junior (2020), não se trataria mais de apenas repetir determinadas impressões mnêmicas associada a circuitos de prazer pré-existentes, mas sim de algo que precederia a própria existência do ser. Ainda mais primordial seria o seu projeto anti-psíquico de retorno ao inanimado. Isso implicaria em pensar a noção de vida a partir de uma contradição: como Freud (2020) reitera em *Mal-estar na cultura*, o objetivo de toda vida é a morte. Desse modo, a “pulsão das pulsões” é destituída teoricamente do seu caráter sexual, sofrendo a maior das reviravoltas teóricas e forçando uma ruptura radical com o conceito darwinista de vida.

A obrigação *princeps* da pulsão de morte estaria em destilar o seu potencial autodestrutivo às catexias simbólicas, a fim de desligar a produção dos vínculos sexuais. A sua função desobjetalizante, na expressão de Green (1990), instiga o afeto carente de representação ideativa à compulsão à repetição, constituindo um estado homeostático de tensão sexual nos moldes preconizados pelo ‘Princípio de Nirvana’. Nesse sentido, o grande intento de Tanatos estaria na desintegração do laço social. A pulsão de morte ambiciona destruir a maior das criações de Eros: a cultura. Acerca do *Mal-estar na cultura*, uma das grandes novidades oferecidas por Freud (2020) está em compreender o conflito irremediável que organiza a formação social – a instauração do pacto totêmico – através do segundo dualismo pulsional. O embate e a rivalidade entre os ‘poderes celestiais’ caracterizariam as vicissitudes de todo o processo cultural, onde Eros e Tanatos estariam fadados a ser enfrentarem eternamente.

É dentro dessa lógica que Freud (2010) trata em *Além do princípio do prazer*, quando afirma que a pulsão de morte seria conservadora: ela visaria dissolver a disposição política de Eros que empurra ao totemismo e às conciliações narcísicas, estágio da organização social estimula drasticamente às tensões sexuais, a partir da restauração e da conservação de um estado primordial da organização baseada nos princípios do pai real. Para Antoniazzi e Weinmann (2018), esses pontos produziriam um assinalamento fundamental que já vinha sendo construído ao longo do percurso freudiano: o masoquismo [erógeno] é confirmado como “[...] a posição subjetiva primordial de um sujeito em relação ao Outro” (Antoniazzi & Weinmann, 2018, p. 159).

Essa mesmo vínculo masoquista seria constatado nas massas, estruturadas a partir de um forte desenlace pulsional, onde Tanatos encontraria maior liberdade para se esquivar das amarras domesticadoras de Eros e assediado o laço social. Seguindo a afirmação de Freud (2020) de que as massas representariam uma atualização da horda primeva, as mediações simbólicas e os contratos de conciliação de interesses narcísicos que sustentam o pacto totêmico seriam rompidos pela capacidade autodestrutiva de Tanatos a fim de restaurar as liberdades individuais e a barbárie primordial que definia a horda (a imposição do mais forte), bem como a relação de assujeitamento masoquista em torno de um pai real. Retomando Adorno (2015a), o filósofo segue a mesma linha de raciocínio, aplicando a perspectiva mito-política em questão ao problema das massas fascistas, as quais representariam essencialmente uma repetição da horda primeva. O pensador chama a atenção ao lugar de hipnotizador ocupado pelo líder. O discurso hipnótico encaminhado verticalmente ao indivíduo mergulhado na massa despertaria uma importante parcela de registros mnêmicos masoquistas armazenados ao longo da sua pré-história psicosexual.

Segundo Freud (2020b), a hipnose é uma ‘formação de massa à dois’ que suspende as forças de contrainvestimento que perturbariam o livre fluxo dos processos inconscientes, intensificando assim, a intensidade de transferência com o hipnotizador. Para o psicanalista, o hipnotizador ocupa o lugar do pai real, mestre da horda primeva, fazendo com que a transferência das massas com o líder adquira contornos masoquistas, criando condições para que os seus membros se entreguem de modo incondicional aos seus comandos. O flagelo do objeto-líder expropriaria a singularidade do indivíduo na massa, substituindo-a por uma ‘nova-velha’ versão infantil, que goza masoquistamente da sua própria sujeição social-sexual.

Em ‘Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista’ (Adorno, 2015a), a hipótese de que um caráter masoquista está presente como centro funcional das massas fascistas é imprescindível. A partir dos fundamentos até aqui apresentados, torna-se possível deduzir um paralelo do vínculo masoquista ressaltado por Adorno (2015a) com a compreensão freudiana de ‘enamoramento’, embora o filósofo não a mencione explicitamente como conceito. O efeito de idealização do objeto-líder fascista (pai da horda primeva), instalaria os mesmos processos psíquicos que caracterizam a hipnose na psicologia das massas de Freud (2020b, p. 189): “[...] a mesma humilde submissão, a mesma docilidade, a mesma ausência de crítica, tanto em relação ao hipnotizador quanto em relação ao objeto amado”. Nessa direção, o militante fascista que enamora

intensamente o seu líder, ao mesmo tempo que oferece (e sacrifica) em larga medida o seu próprio narcisismo, engrandece o do líder, que se deleita canibalisticamente da sua economia libidinal.

Com base nessas compreensões, percebe-se que o Eu nazifascista atentaria de maneira radical contra a própria força. Para tal, é preciso uma contrapartida libidinal para que a economia psíquica possa seguir circulando. O conceito de 'identificação' é resgatado da psicologia das massas freudiana, assumindo um papel fundamental na psicanálise do nazifascismo em Adorno (2015a) como estratégia psíquica para equilibrar a balança libidinal. O filósofo dá ênfase a uma modalidade de identificação vertical, direcionada, não horizontalmente em relação aos outros membros da massa, mas em relação ao próprio líder fascista. Na premissa de Safatle (2016), essa torção teórica promovida por Adorno nasce de uma realidade social afetada por um declínio da imago paterna. Isso não significaria necessariamente que as identificações com figuras de autoridade teriam desaparecido, diminuindo de intensidade ou perdido o seu poder estruturante da experiência social, mas que a sua natureza econômica haveria se modificado. A identificação nos moldes freudianos como sucedâneo paterno teria sido substituída por um modelo pré-edípico mais primitivo que remete não à fase fálica e ao complexo de Édipo, mas sim ao narcisismo primário.

Para Adorno (2015a), a constituição moderna do indivíduo teria no narcisismo, o seu modo privilegiado de relação social. O aspecto narcísico da identificação presente no ato de devorar, de tornar o objeto amado uma parte de si, se refere a projeção da própria personalidade no objeto-líder fascista. O declínio da imago paterna faz da identificação, uma ligação erótica de ampliação do próprio mundo psíquico, muito mais do que a substituição de uma instância soberana pregressa. O próprio Freud (2020b) já havia alertado para essa possibilidade no capítulo VII de 'Psicologia das massas e análise do eu', questionando-se sobre a posição ocupada pelo líder, ou como lugar de ideal de Eu dos integrantes da massa, ou, em casos extremos onde a ligação é mais intensa, como lugar do próprio Eu.

Em Adorno (2015a), a resposta fica evidente: na identificação realizada com o líder fascista, que inicialmente ocupa o lugar de ideal de Eu, o investimento é intenso o suficiente para borrar as fronteiras com o Eu, fixando-o no lugar do próprio Eu. Nessa dinâmica, o líder fascista representaria a expansão da personalidade do seu militante. As pulsões arcaicas que não encontram espaço para se manifestarem individualmente com níveis tão severos de inibição, encontrariam destino justamente na figura do líder. Dentro dessa leitura, se trataria uma fantasia fusional entre 'dois Eus' em que as fronteiras entre Eu e objeto são dissolvidas e a imagem do líder satisfaz o desejo ambivalente do militante em se submeter a opressão do pai real, e ser ele mesmo o pai real.

A partir dos elementos apresentados até aqui, torna-se possível sintetizar a que processos sexuais inconscientes o líder fascista almeja mobilizar com estratégia de adesão social ao seu discurso: a propaganda fascista reativaria filogeneticamente o vínculo masoquista estabelecido com o pai durante o regime da horda primordial. Ao assumir os mesmos contornos do pai real, o líder fascista se aproveita de uma racionalidade baseada na dimensão pulsional para produzir um discurso irracional que desperta heranças mnêmicas, e cuja única saída psiquicamente reconhecida reside na subserviência masoquista, como esquiva à retaliação via sentimento de culpa. Em contrapartida, o militante fascista se satisfaz a partir da própria reificação masoquista, como pode situar-se (apenas em fantasia, não no campo material) como se fosse o próprio pai primevo.

Em relação ao 'problema da hipnose', Adorno (2015a) denuncia a natureza artificial do vínculo amoroso que é fabricado pelo líder fascista em relação aos membros da massa. Para o filósofo, não se trataria de um movimento espontâneo, mas de uma revitalização *quasi-científica* de demandas pulsionais arcaicas geradas pelas técnicas hipnóticas empregadas durante o discurso fascista. Na psicanálise freudiana, onde está o Id, o Eu deve advir. A propaganda fascista, em compensação, desempenharia um papel inverso, paralisando o potencial de emancipação psíquica do Eu e preservando o domínio do Id. Segundo Adorno (2015a), os agitadores fascistas objetivariam perpetuar a expropriação da psicologia das massas: com vistas ao controle social e à administração da experiência política, aonde está o Id, o Id deve permanecer. Por isso, Adorno (2015a, p. 184) afirma que os fascistas são: "[...] verdadeiros filhos da cultura de massa padronizada de hoje, em grande parte subtraídos de sua autonomia e espontaneidade".

Com base nessa linha de raciocínio, Adorno (2015a, 2015b) defende que a sentimentalidade invocada pela propaganda fascista não tem relação com a atualização de emoções primitivas, mas constitui uma imitação fingida e barata de sentimentos reais. Assim, haveria um caráter fictício sustentando a psicologia de massas do fascismo denominada por Adorno (2015b) em 'Antissemitismo e propaganda fascista' pela noção de 'ritual'. Já em 'Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista', Adorno (2015a) complementa esse

raciocínio apoiado no argumento freudiano de que a hipnose seria uma revivescência fraudulenta de uma experiência progressa. Nessa lógica, os fenômenos psíquicos convocados pela figura do hipnotizador deveriam ser considerados falsos, visto que a dimensão psicosssexual que a psicotécnica fascista faz florescer não passaria de um jogo de encenação em que as massas atuam uma peça de teatro. A ‘pura pulsionalidade’ que ascende na organicidade fascista deveria a sua existência à socialização da propaganda hipnótica em escala pública, beneficiada pelo desenvolvimento tecnológico do período entreguerras. Adorno ainda indica que: “As pessoas [os nazistas] acreditam tão pouco, do fundo do seu coração, que os judeus são o demônio, quanto acreditam completamente em seu líder. Elas não se identificam realmente com ele, mas atuam essa identificação, performam seu próprio entusiasmo, e assim participam da encenação de seu líder” (Adorno, 2015a, p. 188). Dentro dessa ideia, se os mecanismos hipnóticos cessassem por apenas um segundo – liberando os reflexos do sistema secundário – toda encenação fascista cairia.

Considerações finais

Com base em um percorrido em ‘Totem e Tabu’ (Freud, 1990), ‘Psicologia das massas e análise do Eu’ (Freud, 2020b) e Mal-estar na cultura (Freud, 2020), constata-se a impossibilidade de pensar uma “sociedade sem pai” no viés freudiano, devido a sua condição de imortalidade. O parricídio e a transição social-sexual do regime da horda ao totemismo não eliminaram o pai, apenas alteraram a sua qualidade: do plano real para o simbólico. Conforme apontado por Freud (2020, p. 102) em ‘Mal-estar na cultura’, é “[...] ainda mais forte morto do que vivo”. Nesse sentido, a experiência política moderna na perspectiva freudiana deve ser compreendida como um período de renovada autoridade paterna enquanto relação fantasmática, que como saída econômica para a culpa comum, condiciona as relações de objeto a construírem vínculos sociais de caráter autoritário como substitutos do pai. Esse raciocínio é central na compreensão da metapsicologia do discurso fascista sob a égide freudo-adorniana, visto que Adorno aplica as contribuições mito-políticas derivadas de ‘Totem e tabu’ (Freud, 1990) para investigar fenomenologia dos discurso fascistas, especialmente a natureza dos vínculos objetivos que as massas fascistas exercem com os seus líderes.

Na perspectiva freudo-adorniana apresentada em ‘Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista’ (Adorno, 2015a) constata-se uma referência fundamental a fantasia da horda primeva, em relação ao assujeitamento passivo-masquista que a militância fascista desempenha diante dos comandos hipnóticos do líder fascista, representante do pai real. Implode-se assim o pacto social totêmico em direção à conciliação de interesses narcísicos e a vida política, a fim de restaurar uma configuração social primeira onde privilegia-se a relação de ambivalência que vigorava no contexto da horda em que a única saída psiquicamente reconhecida reside na submissão incondicional aos desígnios narcísicos do pai. Entretanto, nem sempre essas abordagens podem ser uniformizadas. Enquanto Freud apoia-se no vivência edípica como complexo nuclear que estipula o líder fascista enquanto substituto paterno, Adorno aponta para o narcisismo primário como matriz privilegiada que sustenta as relações sociais, defendendo que o líder representa muito mais uma ampliação da personalidade do militante fascista do que a substituição de uma instância progressa. Dentro dessa ótica, o fascista se satisfaz, tanto pela própria reificação masquista, como pela fantasia de ocupar o lugar do pai primevo.

Referências

- Adorno, T. (2015a). Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In T. Adorno, *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise* (p. 153-190). São Paulo, SP: Editora UNESP.
- Adorno, T. (2015b). Antissemitismo e propaganda fascista. In T. Adorno, *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise* (p. 137-152). São Paulo, SP: Editora UNESP.
- Adorno, T., & Horkheimer, M. (2006). Elementos do antissemitismo: limites do esclarecimento. In T. Adorno, & M. Horkheimer, *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* (p. 139-171). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editores.
- Antoniazzi, S., & Weinmann, A. (2018). *O filicídio na teoria psicanalítica e seus (des)enlaces na cultura brasileira*. Porto Alegre, RS: Criação Humana.
- Birman, J., (2017). O fascismo como questão. *Metaxy*, 1(2), 1-8.
- Freud, S. (1974). A dissolução do complexo de Édipo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIX, p. 215-226). Rio de Janeiro, RJ: Imago.

- Freud, S. (1980). *O inconsciente*. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, p. 165-224). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1990). Totem e Tabu. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, p. 11-125). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (1996). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. III, p. 159-186). Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora.
- Freud, S. (1996a). Pulsões e suas vicissitudes. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud volume XIV. A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916)* (p. 117-146). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (2004). O recalque. In S. Freud, *Obras psicológicas de Sigmund Freud - Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1, p. 175-193). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Freud, S. (2010). Além do Princípio do Prazer. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, p. 161-239). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2014). O futuro de uma ilusão. In S. Freud, *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 17, p. 231-301). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2020). Mal-estar na Cultura. In S. Freud, *O mal-estar na cultura e outros escritos* (p. 305-410). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Freud, S. (2020a). Por que a Guerra? In S. Freud, *O mal-estar na cultura e outros escritos* (p. 421-426). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Freud, S. (2020b). Psicologia das massas e análise do Eu. In S. Freud, *O mal-estar na cultura e outros escritos* (p. 137-232). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Green, A. (1990). *Conferências brasileiras de André Green: metapsicologia dos limites*. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora.
- Lazaratto, M. (2019). *Fascismo ou revolução? O neoliberalismo em chave estratégica*. São Paulo, SP: N-1 Edições.
- Mann, M. (2008). *Fascistas*. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Mezan, R. (2015). *Freud, pensador da cultura*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Orwell, G. (2021). *1984*. São Paulo, SP: Via Leitura.
- Paxton, R. (2007). *A anatomia do fascismo*. São Paulo, SP: Paz e Terra.
- Rouanet, S. P. (1986). *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro.
- Safatle, V. P. (2016). *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Safatle, V. P. (2019). *Psicologias do fascismo*. São Paulo, SP: Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.
- Silva Junior, N. (2020). A pulsão de morte e sua crueldade sem alibi. *Revista Cult, Dossiê Pulsão de Morte*, 23(256), 15-18.
- Spielrein, S. (2021). A destruição como origem do devir. In *Uma pioneira da psicanálise: obras completas* (Vol. 1, p. 255-310). São Paulo, SP: Blucher.
- Stanley, J. (2019). *Como funciona o fascismo: A política do 'nós' e 'eles'*. Porto Alegre, RS: L&PM Pocket.
- Weinmann, A. (2018). *Jornadas de junho: decifra-me ou te devoro*. São Paulo, SP: Psicanalistas pela Democracia.